

(Texto preparado)

Rocca di Papa, 5.10.1978

Quem é o irmão

(I tema)

Quem é o "irmão" para o Antigo Testamento

Gostaríamos de aprofundar este ano a realidade daquele ser extraordinário que é o homem, nosso irmão. Gostaríamos de perscrutar, em toda a sua riqueza, o plano de Deus para ele, no relacionamento com os outros homens.

O Movimento sempre teve uma grande consideração pelo irmão. E isto, desde as suas primeiras manifestações, quando se dizia, com convicção, não ser possível ir a Deus sozinho, mas sempre necessariamente com os irmãos, uma vez que Deus é Pai de todos.

No início, entrando particularmente em contato com os pobres, sem excluir os outros, em seguida, no contato com todos, entendemos o enriquecimento que o irmão trazia à nossa vida e o quanto ele ocupava, no Movimento, depois de Deus, com Deus e por Deus, o primeiro lugar.

(...)

O homem no Antigo Testamento: a imagem de Deus

Mas quem é este homem para quem nos dirigimos com solicitude, ao encontro de quem queremos ir?

Procuremos ver o que diz a Revelação, a fim de compreender com maior profundidade aquilo que o Espírito Santo nos levou e nos leva a fazer.

Voltemos ao Gênesis: "E Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança'. Deus criou o homem à sua imagem..." (Gn 1, 26-27). Esta passagem não diz tanto o que é o homem quanto o que Deus tenciona fazer e faz. Portanto quem é o homem segundo a intenção criadora de Deus. A decisão de criar o homem, e a criação do homem à sua imagem estão estreitamente ligadas: na prática, ambas dizem que o Criador se dispõe a criar alguém que esteja relacionado com Ele.

Além disso, distinguindo-se de todos os outros seres e até dos animais, que são criados "segundo a sua espécie" (Gn 1, 25), somente o homem é criado "à imagem de Deus" (Gn 1, 27). O homem, portanto, é o único ser que tem um relacionamento direto e pessoal com Deus. Está diante d'Ele, é o seu correspondente, o seu "tu". Tal relacionamento especial com Deus é constitutivo do seu ser-homem.

(...)

Isto é estupendo e é verdadeiro! Não é porventura o homem que "invoca" a existência de Deus, tornando-se deste modo a maior testemunha da sua existência? Não é o homem que sente no seu coração - ao contrário de todos os demais seres da terra - a atração por alguém que o transcende, a aspiração ao infinito e ao imortal?

Não é porventura o homem que, não encontrando soluções para os infinitos problemas que o cosmo propõe, eleva o olhar à procura de Alguém que deve existir, porque não pode não existir? Assim é esse ser chamado homem, quando puro e sincero.

(...)

A criatura de Deus

Se o tema da imagem de Deus exprime a grandeza e a dignidade do homem, o Antigo Testamento, porém, ensina sobretudo que o homem é criatura: criatura de Deus.

Portanto, como criatura o homem é, no campo do ser, radicalmente diferente do seu Criador e depende totalmente d'Ele.

(...)

A criatura a ser amada

Conforme o Antigo Testamento, o homem é uma criatura que deve ser amada. No Levítico Deus ordena: "Não odiarás o teu irmão no teu coração; mas repreende-o publicamente, para que não incorras em pecado por sua causa. Não procurarás a vingança, nem conservarás a lembrança da injúria dos teus concidadãos. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor" (Lv 19, 17-18).

Em outro trecho: "O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e tu o amarás como a ti mesmo, porque também vós fostes estrangeiros na terra do Egito" (LV 19, 34).

O culto e os profetas

Quando o povo hebreu pensava satisfazer a Deus somente com o culto, o Senhor enviava os profetas que chamavam o povo a uma conversão interior, que se concretizava no amor ao próximo, como testemunho do amor a Deus. Com efeito, podemos observar que, onde era desprezada a lei de Deus "no relacionamento de homem a homem e se procurava Deus somente no culto, ali Deus era reduzido a uma fonte de força impessoal e mágica, que podia ser tratada num modo rotineiro, apressado e irreverente"¹.

Os profetas, vendo que através do culto se chegava a uma falsificação da religião na sua essência, não tinham outra escolha senão rejeitar radicalmente este culto², porque provoca a indignação e o juízo de Deus:

"Aborreço e rejeito as vossas festas; elas me desgostam, e não sinto nenhum gosto nos vossos cultos. Quando me ofereceis holocaustos e ofertas, não os aceito... longe de mim o ruído de vossos cânticos, não posso mais ouvir o som de vossas harpas. Antes jorre a equidade como uma fonte e a justiça como torrente que não seca" (Am 5, 21-24).

"[...] O Senhor está em litígio com os habitantes da terra. Porque não há fidelidade nem amor [...] juram falso, mentem, assassinam, roubam, cometem adultério, usam de violência e acumulam homicídio sobre homicídio. Por isso a terra está de luto" (Os 4, 1-3).

"Quero a misericórdia e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus mais que os holocaustos" (Os 6, 6).

"Quando estendeis vossas mãos, desvio de vós os meus olhos; podeis multiplicar as vossas preces; não as ouço. [...] Aprendei a fazer o bem; procurai o que é justo, protejei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva" (Is 1, 15-17).

Esta polémica sobre o culto demonstrava "que o relacionamento justo com Deus é determinado pelo justo relacionamento com o homem e que o serviço divino do culto deve ser sempre acompanhado pelo serviço ao homem"³.

¹ W. Eichrodt, in Theologie des Alten Testaments, Teil 1, Gottingen 1968, VII ed. P. 244;

² Ibid;

³ N. Fuglister, „Afferrati da Jahwè“, in Parola e Messaggio, Bari, 1970, p. 222;

Na realidade os profetas se lançaram "contra aquela depravação pela qual, através dos séculos, todo culto humano é ameaçado: sacrifício, culto e oração conservam o próprio sentido somente enquanto aos homens importa realmente encontrar o Deus santo.

Mas quando, com isto, o homem quer colocar-se a salvo diante de Deus, nesse caso se tornam blasfêmia, o sacrifício se torna um meio de justificação de si mesmo, a celebração do culto, ocasião de uma elevação meramente sentimental, a oração uma conversa sem sentido, vil ou hipócrita"⁴.

O jejum que agrada a Deus: o amor ao próximo

A Deus não agrada nem sequer a observância do jejum separada do amor ao próximo. "Clama - diz Deus por meio de Isaías - em alta voz, sem cessar: levanta como trombeta a tua voz, denuncia ao meu povo as suas falhas. [...] Passais vosso jejum em disputas e contendas, ferindo malvadamente o pobre com o punho. Não jejeis como tendes feito até hoje. [...] É esse o jejum que me agrada no dia em que o homem se mortifica? Curvar a cabeça como um junco, deitar-se sobre o saco e cinza? Podeis chamar a isto jejum e dia agradável ao Senhor?

O jejum que eu aprecio é este: romper as cadeias injustas, desatar os nós do jugo, libertar os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o pão com o faminto, dar abrigo aos infelizes sem teto, vestir o nu, sem desviar-te do teu semelhante. [...] Então, invocarás o Senhor e Ele te atenderá; clamarás e Ele te dirá: eis-me aqui!" (Is 58, 1-9; Cf 59, 1ss).

Depois de uma crítica tão severa dos abusos cometidos nos dias de jejum (v. 3-4), se poderia esperar que Isaías confirmasse a santidade de tais ritos? Acontece exatamente o contrário (v. 5): não o culto em si mesmo, mas estas práticas rituais (mortificar-se, curvar a cabeça, deitar-se sobre saco e cinza, etc.) são contestadas radicalmente. O jejum que agrada a Deus consiste em colocar, no lugar de ações dirigidas a Deus, ações dirigidas ao homem: nelas o homem realmente se mortifica e oferece a Deus uma espécie de jejum.

Entre as várias ações, uma agrada a Deus de modo particular: quebrar as correntes, livrar da opressão. A experiência do exílio e da escravidão no Egito, e depois a da libertação realizada por Deus, leva Israel a apreciar melhor a liberdade.

As demais ações citadas por Isaías são as tradicionais, de ajuda aos necessitados. Diante dos olhos desfilam aqueles que socialmente são os mais fracos: deserdados, arruinados, escravos, prisioneiros, famintos, marginais, maltrapilhos.

É um quadro semelhante ao do juízo final (Cf Mt 25, 35s). Deus convida a ajudá-los "sem desviar-te do teu semelhante" (Cf Is 58, 7): literalmente é "não te desviarás (fingindo não ver; Cf Dt 22, 1) de tua carne", isto é, de quem é da tua carne, que pelo contexto pode ser interpretado como atribuído a cada homem, não somente ao compatriota como entendiam os hebreus em geral (Cf Jo 31, 15).

São magníficos estes versos de Jó "porque socorria o pobre que pedia auxílio, e o órfão que não tinha apoio, a benção daquele que estava para morrer vinha sobre mim, e eu alegrava o coração da viúva. Eu era os olhos para o cego e os pés para o coxo, era o pai para os pobres e examinava com diligência a causa do desconhecido" (Jó 29, 12-13. 15-16).

Se praticarmos tudo aquilo que é chamado "jejum que agrada a Deus", realizam-se então as bênçãos.

O amor ao inimigo

4

KAISER, *Jesaia 1-12*, p. 13.

Enfim no Antigo Testamento não faltam alusões ao amor para com os inimigos: "Se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer, se tem sede, dá-lhe de beber, porque assim amontoarás brasas ardentes sobre a tua cabeça e o Senhor te recompensará" (Pv 25, 21-22).

Conclusão

O povo de Israel estava à espera do Novo Testamento, aquele Novo Testamento que o Senhor, na sua imensa bondade, quis iluminar-nos também através do Movimento, evidenciando, desde os primeiros dias, o amor ao próximo como genuína e basilar expressão do amor a Deus.

Chiara Lubich